

Luiz Eduardo Soares. *O rigor da indisciplina. Ensaios de antropologia interpretativa.* Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 272 p.

Lilia K. Moritz Schwarcz
Depto. de Antropologia – USP

Resenhar uma coletânea de textos é sempre uma triste sina: muitas são as entradas, inúmeras as possibilidades de diálogo. Com efeito, por mais que Luiz Eduardo Soares, em seu recente *O rigor da indisciplina*, evite a definição “coletânea” e prefira entender seu livro como um “relato provisório de um trabalho em andamento”, a própria escrita impressa tende a formalizar idéias que, em sua forma original, poderiam lembrar conversas desinteressadas, palestras sem um tom definitivo.

Mas, não fiquemos no lamento, já que o autor faz desse tipo de proposta não um exercício de retórica, mas um estilo particular, um convite ao leitor para interagir. De fato, o pretense informalismo dos ensaios encobre um profundo rigor teórico e uma gama ampla de questões, que se de um lado referem-se diretamente à antropologia, de outro, são pertinentes às ciências humanas como um todo.

Na verdade, *O rigor da indisciplina* não peca pela limitação e exígua abrangência dos temas abordados. As três partes que compõem o livro alinhavam diferentes objetos, questões e estudos apresentados em momentos diversos da carreira de Luiz Eduardo. Na primeira parte destacam-se os ensaios mais teóricos, que procuram enfrentar dilemas vivenciados pela antropologia contemporânea, que se debate entre o relativismo e o universalismo, entre perspectivas iluministas e abordagens românticas. O segundo bloco de artigos traz, com originalidade, o contexto da prosa literária e etnográfica, e a tônica dos ensaios não é a busca de definições finais, mas o desafio de desfiar objetos diferentes e aceitar um certo encantamento diante da literatura. O terceiro e último conjunto de textos destina-se aos ensaios sobre religião; as “novas seitas” – o Santo Daime, o misticismo ecológico – são aqui caracterizadas enquanto “movimentos culturais de experimentação” e não apenas como marcos de uma espécie de crise de racionalidade ocidental.

Nesse caso, o desafio é entender essa nova consciência religiosa, essa atração recente pela fé religiosa “que vem tomando indivíduos de classe média, em geral com acesso a bens culturais razoavelmente sofisticados”. É interessante notar que Luiz Eduardo se nega a fazer coro ao ceticismo corrente e procura nesse fenômeno um sinal de vitalidade, uma forma de “indagação que rompe com a indiferença” reinante. Vale a provocação.

Mas, se muitas são as entradas, talvez seja possível retomar uma delas de forma tão “inconclusiva” quanto o projeto do autor. No âmbito de uma disciplina como a antropologia, que ficou conhecida — sobretudo antes dos trabalhos de Lévi-Strauss — por sua pequena tradição teórica, é de grande importância um trabalho como esse, que procura sistematizar um “jogo que ainda não acabou”, uma partida que está apenas no intervalo do primeiro tempo.

Além disso, frente à voga imprecisa da pós-modernidade que colocou em questão o estatuto da verdade, assim como a hegemonia das antigas e estabelecidas teorias antropológicas (que acabaram caracterizadas enquanto modelos holísticos cujos vínculos com a realidade eram sobretudo frágeis), pouco espaço sobrou para a afirmação de novos modelos de interpretação.

A relevância da análise de Luiz Eduardo está justamente em, por um lado, anunciar os termos de uma dicotomia que marcou e quase paralisa o trabalho antropológico e, por outro, tentar pensar em formas de mediação. Entre o antropólogo tradutor e o cientista decifrador de códigos, os modelos universais e a perspectiva relativista, o empirismo e o estruturalismo, talvez existam ainda alguns espaços comuns que permitam interagir subjetivismo e objetivismo, diacronia e sincronia.

Porém, é preciso às vezes “cutucar”, assim como faz tão bem o autor. Se é instigante refletir sobre os impasses dessa antropologia contemporânea, que vive a rebelião de seus objetos e se vê obrigada a repensar seus marcos de origem e a autoridade do sujeito de conhecimento, é também evidente que o movimento no texto de Luiz Eduardo leva o leitor a supor uma espécie de final feliz, de certa forma balizado pela hermenêutica. O círculo hermenêutico merece, segundo o autor, um lugar especial no interior desse debate, já que se localiza “entre hipóteses universalistas e a atribuição de sentido a fenômenos fragmentários ou unidades culturais particulares”.

Não se trata aqui de questionar a seleção de um modelo, mesmo porque Luiz Eduardo não elege um alvo e exclui os demais, mas de questionar uma certa crítica “ao inimigo de plantão”: o modelo estrutural. Com relação a esse paradigma, o autor supõe um consenso que não parece tão óbvio, como seus ensaios teóricos deixam transparecer: “Há hoje um razoável consenso entre os antropólogos de que as posições universalistas conhecidas são lacunares e precárias na melhor das hipóteses”. Com efeito, os argumentos universalistas aparecem descritos como vulneráveis, da mesma maneira como Luiz Eduardo admite não precisar “comprovar” esse tipo de afirmação.

As considerações acima são, no entanto, antes um desabafo do que um juízo. Afinal, toda a preocupação de *O rigor da indisciplina* não está em classificar, mas antes em buscar um projeto de tradução que dê conta ao mesmo tempo da diferença e da unidade, e que possibilite a tradução de culturas mutuamente transparentes.

Trata-se, enfim, de buscar um alargamento do universo da razão, no qual a diferença não seja vista como “desvio” ou “falta”, e se descubra a unidade entre as diferenças. Nesse sentido, ultrapassadas as dicotomias tradicionais, talvez seja hora de perceber, como diz o autor, que “o jogo prossegue” e que não adianta achar um juiz e responsabilizá-lo pelos percalços da partida.

Enfim, se existe algo central nesse livro, em meio a considerações de certa forma periféricas, é que Luiz Eduardo teve a coragem de sistematizar o que é só indagação, colocando uma vidraça para o arremesso das primeiras pedras e, dessa maneira, ajudando a animar um debate teórico em geral pouco efetivo entre os antropólogos.